

# EUTANÁSIA LINGUÍSTICA E DUPLO LIGAME

## (SILÊNCIOS SOBRE O GENOCÍDIO)

A Nosa Terra 788, 24  
Julho 1997, p. 25

aos presentes

JOÃO VALEIRO

**‘P**or que o nacionalismo espanhol defende enfurecidamente a ideologia linguística que se patenteia num padrão que distancia *ad aeternitatem* as falas ao Norte a ao Sul do Minho?”

Devido ao grande tamanho da folha, dividiu-se também horizontalmente para a sua melhor impressão.

As elites monolíngues (mas não precisamente por possuírem uma única fala) que constroem quotidianamente a nova realidade linguística da Galiza espanhola tendem a fundamentar a sua ideologia idiomática numa série de pressupostos “científicos e/ou pedagógicos” que serviriam para elaborar uma não muito brilhante cartografia do apriorismo pseudo-populista que pretende acochar os próprios interesses sob a forma do interesse geral do povo (ou antes, do *pobo*; ou melhor, do *pueblo*). Não em vão são netos epistemológicos do teórico do nacionalismo espanhol Menéndez Pidal. Sobre isso tenho escrito, e ainda escreverei noutros lugares e com outros nomes, vítima do meu particular submetimento ao duplo ligame. Vítima, enfim, da individuação fascista que somos. Nada que já Stevenson não tenha dito. Mas hoje falará o meu velvético lado selvagem, dito em semântica pop; falarei como esse divíduo libertário, heteroglósico e heterónimo que, por vezes, quando chegam os escasos instantes de salvadora esquizofrenia, tenta elevar cabeça e silêncios por cima da habitação proletária, o nosso próprio Rikers corunhês (o coração do monstro, o mundo real). E quero falar da imensa farsa em que tem devido (porque na farsa tinha nascido) essa particular invenção de uma realidade que é o Galego (língua de seu, ou seja, deles) e a planificação linguística estruturada, precariamente, ao seu redor com os subsídios do Estado espanhol. Do mesmo jeito que nascem novas doenças mentais para o fármaco recentemente descoberto, o capitalismo

continuará a produzir manufacturadas línguas com plusvalia (porque Língua é outro dos nomes do Capitalismo, da Besta). Pequenas línguas, menores, perversões de velhos linguajares agora proscritos, de sons e grafias democraticamente desterrados da História. Pequenas línguas com os seus pequenos mercados linguísticos. Do ponto de vista do sindicalismo capitalista: umas centenas, talvez até uns milhares de empregos. Do ponto de vista dos pequeno-burgueses em procura do ascenso social: trinta ou quarenta novas (ou apenas renovadas) posições de poder simbólico regional: construtores de língua sonharão que são (como sonham as contra-elites reintegracionistas o que podiam ter sido e que jamais serão). Capital cultural para a elaboração de grandiosos mapas do genocídio desenhados por monárquicas academias. O mais extremo elitismo sob o patético disfarce do populismo. Nacionalismo galego: a submissão de sempre, agora multiplicada pelas “possibilidades eleitorais”. E, no meio, no ridículo absoluto, os *lusistas de toda a vida*, que pensavam que por escrever Galiza ou *dicer* já tinham o céu ganho, correndo com as calças pelos joelhos a pegar numa parte do pastel. Antes de o devorarem por completo os originários elaboradores.

Que ninguém lance a primeira pedra, lembremos, quem não deseja um pouco de reconhecimento intelectual? Bilingues escritores que criticam o bilinguismo harmónico que eles próprios constroem dia a dia. Estrelas da rádio espanhola. Radicais de salão e conferência bem paga. Escritores de suplemento dominical. Medíocre narrativa e nepotismo poético. Novos galegos triunfadores *a la española*. Que seria deles numa literatura nacional galega integrada no mundo lusófono? Que seria deles desprovidos da necessária e interessada promoção do Estado espanhol? Que seria deles fora da farsa de uma literatura regional e como tal convenientemente premiada pelo Estado espanhol? Que seria deles? *Gallegos*, que diria um conhecido elaboracionista vítima perfeita do duplo ligame. O nacionalismo espanhol que nos governa porque nós mesmos o temos votado ditaminará e todos eles baixarão a cabeça. E se amanhã o interesse do Estado espanhol fosse o lusismo, todos eles diriam que antes ou depois haveria que ter chegado a essa solução. De uma ou outra forma todos eles já o tinham escrito com um *g*íria que acham científica e, portanto, sancionada sacramentalmente aos olhos dos profanos: o galego é *Ausbau* mas o galego-português é *Abstand*. Então não temos dito sempre que eram a mesma língua? Filhos da democrática factibilidade coseriana, do pragmatismo estatalista bochmaniano, do fatalismo historicista, dispostos sempre a pactar com o fascismo vazquista. Filhos do critério da autoridade. Da autoridade das

instituições espanholas: do autoritarismo fraguista, fazendo um jogo de palavras de que decerto Einar Haugen teria gostado.

E em frente, quê? O aborrecível discurso reintegracionista das listas negras, os vendidos, os cipaios, os traidores à pátria e outras etiquetas fascistóides? O discurso dos que jogam a ser jarrazinhos e apenas sabem idear alguma divertida consigna para lançá-la no meio de um congresso elaboracionista perante as faces de satisfação de boa parte dos elaboradores, a patética reacção de senhores catedráticos, ou as lágrimas de quem ainda acha que na elaboração está a salvação? Está o futuro do reintegracionismo em quem é incapaz de fazer outra coisa que pôr-se a berrar como um energúmeno mas nem sequer é capaz de dar uma hóstia bem dada? Ou talvez nas cabeças pensantes perdidas desde há anos em alucinantes batalhas pessoais ou na construção de adequados currículos? Onde está o futuro do galego: nas elites técnicas que criticam os plantadores de eucaliptos enquanto praticam a política da terra queimada (dentro de trinta anos, quê?), que agem segundo os ditames do governo espanhol e vivem do seu subsídio (social), ou nas contra-elites enquistadas desde há anos num discurso de uma pobreza escandalosa? Reintegracionistas minoritários estabelecendo a solução indemonstrável numa salvífica união linguística galego-portuguesa e nacionalistas majoritários pensando que com uma Lei (que sempre será espanhola!) o galego estará salvo. Estará talvez o futuro do galego nas meninas e nos meninos que vão tão tranquilas às aulas de *gallego* porque é o único contacto que têm com isso, ou nos seus pais que já nem protestam *por la imposición del vernáculo*, porque já se deram conta de que o do vernáculo está *atado y bien atado* (AGLI é apenas a necessária dissidência democrática)?

Bem, admitamo-lo, decerto um *nh* não mudará nenhum macro-nível sociopolítico, mas ajudará a quebrar pequenos âmbitos fascistas e ainda estará sempre presente para lembrar a obscenidade do consenso democrático entre elites técnicas e intelectuais galegas e elites políticas espanholas. Como, de um jeito ou de outro, Celso Alvarez Cáccamo lembra periodicamente nesta mesmas páginas com a precisão cruel que só pode surgir da derrota. No entanto, enquanto os fascistas espanhóis nos presenteiam com um *puto rojo* e os estalinistas galegos que vivem do subsídio social nos categorizem de traidores e não-patriotas e procurem a nossa neutralização, saberemos que estamos no bom caminho, um *nh* estará a mudar o mundo e a cravar uma faca no coração de Espanha. Finalizo, por fim, com a necessária pergunta que só acha como resposta o silêncio ou o ex-abrupto dos fascistas. A pergunta que foi, é e será enquanto não nos cortem a língua: por que o nacionalismo espanhol que representa o governo espanhol na Galiza defende enfurecidamente a ideologia linguística que se patenteia num padrão que distancia *ad aeternitatem* as falas ao Norte e ao Sul do Minho e, ao tempo, esse mesmo nacionalismo espanhol criminaliza (de forma física) a ideologia linguística que procura a integração dessas falas num único padrão? A defesa do *N* é obviamente uma questão de patriotismo, observado o facto da perspectiva do duplo ligame que tão bem define António Gil Hernández (*Silêncio egueto*, Ed. do Castro) como quem não tem esquecido ainda o exercício do pensamento. Mas eu pergunto-me, apenas a jeito de especulação: ou será apenas questão de defender o direito à eutanásia, como aquela que defendia o *aglicano* Jardón para acabar morrendo num acidente de trânsito? Ou talvez o direito a um necessário suicídio (bem diferente, decerto, de aquele de que acusou os lusistas Mauro Fernández no dito congresso elaboracionista). Ou seja, lembrando Leopoldo María Panero, a um assassínio, que quando é múltiplo se chama genocídio. ♦

# EUTANÁSIA LINGUÍSTICA E DUPLO LIGAME (SILÊNCIOS SOBRE O GENOCÍDIO)

aos presentes

JOÃO VALEIRO

As elites monolíngues (mas não precisamente por possuírem uma única fala) que constroem quotidianamente a nova realidade linguística da Galiza espanhola tendem a fundamentar a sua ideologia ideomática numa série de pressupostos "científicos e/ou pedagógicos" que serviriam para elaborar uma não muito brilhante cartografia do apriorismo pseudo-populista que pretende acochar os próprios interesses sob a forma do interesse geral do povo (ou antes, do *pobo*; ou melhor, do *pueblo*). Não em vão são netos epistemológicos do teórico do nacionalismo espanhol Menéndez Pidal. Sobre isso tenho escrito, e ainda escreverei noutros lugares e com outros nomes, vítima do meu particular submetimento ao duplo ligame. Vítima, enfim, da individualização fascista que somos. Nada que já Stevenson não tenha dito. Mas hoje falará o meu velvético lado selvagem, dito em semântica pop; falarei como esse divíduo libertário, heteroglóssico e heterónimo que, por vezes, quando chegam os escassos instantes de salvadora esquizofrenia, tenta elevar cabeça e silêncios por cima da habitação proletária, o nosso próprio Rikers cominhês (o coração do monstro, o mundo real). E quero falar da imensa farsa em que tem devido (porque na farsa tinha nascido) essa particular invenção de uma realidade que é o Galego (língua de seu, ou seja, deles) e a planificação linguística estruturada, precariamente, ao seu redor com os subsídios do Estado espanhol. Do mesmo jeito que nascem novas doenças mentais para o fármaco recentemente descoberto, o capitalismo

**‘P**or que o nacionalismo espanhol defende enfurecidamente a ideologia linguística que se patenteia num padrão que distancia *ad aeternitatem* as falas ao Norte a ao Sul do Minho?"

continuará a produzir manufacturadas línguas com plusvalia (porque Língua é outro dos nomes do Capitalismo, da Besta). Pequenas línguas, menores, perversões de velhos linguajares agora proscritos, de sons e grafias democraticamente desterrados da História. Pequenas línguas com os seus pequenos mercados linguísticos. Do ponto de vista do sindicalismo capitalista: umas centenas, talvez até uns milhares de empregos. Do ponto de vista dos pequeno-burgueses em procura do ascenso social: trinta ou quarenta novas (ou apenas renovadas) posições de poder simbólico regional: construtores de língua sonharão que são (como sonham as contra-elites reintegracionistas o que podiam ter sido e que jamais serão). Capital cultural para a elaboração de grandiosos mapas do genocídio desenhados por monárquicas academias. O mais extremo elitismo sob o patético disfarce do populismo. Nacionalismo galego: a submissão de sempre, agora multiplicada pelas "possibilidades eleitorais". E, no meio, no ridículo absoluto, os *hisistas de toda a vida*, que pensavam que por escrever Galiza ou *dicer* já tinham o céu ganho, correndo com as calças pelos joelhos a pegar numa parte do pastel. Antes de o devorarem por completo os originários elaboradores.

Que ninguém lance a primeira pedra, lembremos, quem não deseje um pouco de reconhecimento intelectual? Bilingues escritores que criticam o bilinguismo harmónico que eles próprios constroem dia a dia. Estrelas da rádio espanhola. Radicais de salão e conferência bem paga. Escritores de suplemento dominical. Medfocre narra-

instituições espanholas: do autoritarismo fraguista, fazendo um jogo de palavras de que decerto Einar Haugen teria gostado.

E em frente, quê? O aborrecível discurso reintegracionista das listas negras, os vendidos, os cipaios, os traidores à pátria e outras etiquetas fascistóides? O discurso dos que jogam a ser jarraizinhos e apenas sabem idear alguma divertida consigna para lançá-la no meio de um congresso elaboracionista perante as faces de satisfação de boa parte dos elaboradores, a patética reacção de senhores catedráticos, ou as lágrimas de quem ainda acha que na elaboração está a salvação? Está o futuro do reintegracionismo em quem é incapaz de fazer outra cousa que pôr-se a berrar como um energúmeno mas nem sequer é capaz de dar uma hóstia bem dada? Ou talvez nas cabeças pensantes perdidas desde há anos em alucinantes batalhas pessoais ou na construção de adequados currículos? Onde está o futuro do galego: nas elites técnicas que criticam os plantadores de eucaliptos enquanto praticam a política da terra queimada (dentro de trinta anos, quê?), que agem segundo os ditames do governo espanhol e vivem do seu subsídio (social), ou nas contra-elites enquistadas desde há anos num discurso de uma pobreza escandalosa? Reintegracionistas minoritários estabelecendo a solução indemonstrável numa salvífica união linguística galego-portuguesa e nacionalistas majoritários pensando que com uma Lei (que sempre será espanhola!) o galego estará salvo. Estará talvez o futuro do galego

tiva e nepotismo poético. Novos galegos triunfadores *a la española*. Que seria deles numa literatura nacional galega integrada no mundo lusófono? Que seria deles desprovidos da necessária e interessada promoção do Estado espanhol? Que seria deles fora da farsa de uma literatura regional e como tal convenientemente premiada pelo Estado espanhol? Que seria deles? *Gallegos*, que diria um conhecido elaboracionista vítima perfeita do duplo ligame. O nacionalismo espanhol que nos governa porque nós mesmos o temos votado ditaminará e todos eles baixarão a cabeça. E se amanhã o interesse do Estado espanhol fosse o lusismo, todos eles diriam que antes ou depois haveria que ter chegado a essa solução. De uma ou outra forma todos eles já o tinham escrito com um gíria que acham científica e, portanto, sancionada sacramente aos olhos dos profanos: o galego é *Ausbau* mas o galego-português é *Abstand*. Então não temos dito sempre que eram a mesma língua? Filhos da democrática factibilidade coseriana, do pragmatismo estatalista bochmaniano, do fatalismo historicista, dispostos sempre a pactar com o fascismo vazquista. Filhos do critério da autoridade. Da autoridade das

nas meninas e nos meninos que vão tão tranquilas às aulas de gallego porque é o único contacto que têm com isso, ou nos seus pais que já nem protestam *por la imposición del vernáculo*, porque já se deram conta de que o do vernáculo está *atado y bien atado* (AGLI é apenas a necessária dissidência democrática)?

Bem, admitamo-lo, decerto um *nh* não mudará nenhum macro-nível sociopolítico, mas ajudará a quebrar pequenos âmbitos fascistas e ainda estará sempre presente para lembrar a obscenidade do consenso democrático entre elites técnicas e intelectuais galegas e elites políticas espanholas. Como, de um jeito ou de outro, Celso Alvarez Cáccamo lembra periodicamente nesta mesmas páginas com a precisão cruel que só pode surgir da derrota. No entanto, enquanto os fascistas espanhóis nos presenteiem com um *puto rojo* e os estalinistas galegos que vivem do subsídio social nos categorizem de traidores e não-patriotas e procurem a nossa neutralização, saberemos que estamos no bom caminho, um *nh* estará a mudar o mundo e a cravar uma faca no coração de Espanha. Finalizo, por fim, com a necessária pergunta que só acha como resposta o silêncio ou o ex-abrupto dos fascistas. A pergunta que foi, é e será enquanto não nos cortem a língua: por que o nacionalismo espanhol que representa o governo espanhol na Galiza defende enfurecidamente a ideologia linguística que se patenteia num padrão que distancia *ad aeternitatem* as falas ao Norte e ao Sul do Minho e, ao tempo, esse mesmo nacionalismo espanhol criminaliza (de forma física) a ideologia linguística que procura a integração dessas falas num único padrão? A defesa do *N* é obviamente uma questão de patriotismo, observado o facto da perspectiva do duplo ligame que tão bem define António Gil Hernández (*Silêncio ergueito*, Ed. do Castro) como quem não tem esquecido ainda o exercício do pensamento. Mas eu pergunto-me, apenas a jeito de especulação: ou será apenas questão de defender o direito à eutanásia, como aquela que defendeu o aglicano Jardón para acabar morrendo num acidente de trânsito? Ou talvez o direito a um necessário suicídio (bem diferente, decerto, de aquele de que acusou os lusistas Mauro Fernández no dito congresso elaboracionista). Ou seja, lembrando Leopoldo María Panero, a um assassínio, que quando é múltiplo se chama genocídio. ♦